

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carroón  
Milão, 20 maio 2015**

*Texto de referência: J. Carrón, Introdução, in UMA PRESENÇA NO OLHAR, suppl. a Tracce-Litterae communionis, maio 2015, pp. 4-19; L. Giussani, Porquê a Igreja, Verbo, Março 2004, pp. 39-76.*

- *The dimming of the Day*
- *Liberazione n. 2*

*Glória*

Começamos o nosso trabalho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade juntamente com o que restava do capítulo que estávamos a trabalhar do *Porquê a Igreja* e que, por muitos indícios e sinais, como vimos, tem muito a ver com o que dissemos em Rimini. Recebi uma carta sobre o tema da Ressurreição, que esteve no centro da Introdução: «Caro Carrón, com vista à próxima Escola de comunidade faço-te uma pergunta que já fiz ao grupo com quem retomo a Escola de comunidade, sem encontrar resposta. Diz respeito à Ressurreição. Com toda a minha boa vontade, a Ressurreição permanece para mim um conceito verdadeiramente abstrato e vago. Depois dos Exercícios ficou-me na cabeça o que disseste - que só graças à Ressurreição podemos responder à pergunta: “Vale verdadeiramente a pena termos nascido?” - Porque esta pergunta sobre o sentido da vida tenho-a frequentemente e uma vez que quero poder responder, interessa-me perceber o que é a Ressurreição, interessa-me que não permaneça qualquer coisa de abstrato. Então, já que não percebo mesmo a Ressurreição e acho que vivo como se não tivesse acontecido – tanto que tenho medo da morte – pergunto-te, para perceber: o que é que muda na tua vida a Ressurreição? Como seria a tua vida sem a Ressurreição? O que muda na minha vida a Ressurreição? Pergunto-me até: se Jesus não tivesse ressuscitado, será que eu não teria na mesma uma família ou não trabalharia – como fazem todos – será que eu não procuraria, na mesma, a satisfação naquilo que faço? E então? Ressuscitado ou não ressuscitado, o que é que muda? Ponho a pergunta negativamente porque se a ponho em positivo parece-me que as respostas são todas incompreensíveis... Por exemplo, na minha Escola de comunidade disseram-me que graças à Ressurreição existe o cristianismo, porque os discípulos tinham-se perdido logo três dias depois da morte de Jesus. Mas eu acho que tantas religiões prosseguem no tempo! Ou então disseram-me que graças à Ressurreição as coisas têm um sentido. Mas eu acho que teria na mesma um marido, filhos a quem quero bem, amigos, um trabalho que me agrada e um desejo de viver. Espero que se possa responder a estas perguntas.» Eu agradeço que a nossa amiga tenha feito esta pergunta porque é para todos. O que é que cada um de nós poderia responder, a partir da nossa própria experiência? A Ressurreição é concreta (e não simplesmente um conceito vago e abstrato)? Outra pessoa põe o mesmo problema de outra maneira: «Diante da teimosia de alguém que faz o mal, o que é que a misericórdia pode fazer? De que vitória se trata, se no fundo não consegue mudar nada?» A estas perguntas, obviamente, não se pode responder com reflexões teóricas, porque quem faz a pergunta perceberia as respostas como conceptuais e inadequadas. Que surja uma pergunta assim é um bem para todos porque obriga cada um a ver que experiência faz da Ressurreição.

*Comecei a trabalhar há dois meses como enfermeira. Queria imenso ir aos Exercícios, mas a uma certa altura tornou-se evidente que não era possível, nem mudando os turnos, nem de qualquer outra forma. Falando com um amigo, este disse-me imediatamente: «É evidente que deves ficar a trabalhar. Vejamos o que há para descobrir, já hoje, enquanto esperarmos aqueles dias». Diante da sua posição, de tal forma razoável e simples, dei por mim a olhar para aquele facto com todo um outro ensejo: eu desejo tudo, já e agora, desejo encontrar-Te agora. E assim aconteceu ao jantar com uns amigos na quinta-feira antes dos Exercícios. Diante deles era impossível dizer que Jesus se estava a esquecer de mim. No entanto, de manhã acordo às cinco e meia, estava*

*cansadíssima, não queria levantar-me. Mas devia, e por isso levanto-me, precipito-me para o hospital e ali os meus colegas estavam desanimadíssimos, não tinham vontade nenhuma de trabalhar o serviço estava um caos. Então, começo a preparar a terapia antes de entrar nos quartos; havia um pensamento que me incomodava: como é que faço para chegar a dizer que tudo isto não é “um menos” em relação ao que está para acontecer em Rimini? Diante daquela dor vêem-me à mente os rostos daqueles amigos verdadeiros do jantar do dia anterior, a nostalgia de Cristo, ou seja, daquele olhar que, sendo único, me define. Então, começo a entrar nos quartos com aquele tumulto no coração e dou por mim a querer bem aos doentes, aos meus colegas e àquela loucura de tarefas a fazer. Mas a coisa que mais me derrubou foi o facto de me encontrar diante de um doente que começou a protestar, pois, o médico, sem qualquer aviso, tinha-lhe alterado a terapia e ele, com razão, pedia explicações. Então, eu fico ali a ouvi-lo até que se acalma e em conjunto tentamos perceber por que é que lhe tinha sido alterada a terapia e quando médico chegou envolvemo-lo também a ele. Quando saio do quarto a minha colega olha para mim e diz-me: «Desculpa, eu ouvia no corredor a cena que aquele homem fez e tu estás com esta cara! Mas como é que é possível? Esperava encontrar-te completamente derrotada ou, então, que te viesses embora passados dois minutos. Ele não merece o teu tempo. Sabes? Às vezes pergunto-me por que é que faço o meu trabalho com tanto empenho se depois no final não se recebe nada em troca. Então, vale o mesmo do que fazê-lo sem Amor.». A minha colega deixou-me derrubada, porque a sua pergunta era verdadeira e eu perguntava-me: Por que é que de repente tudo pode ser “para mim”? Por que é que a realidade, mesmo quando não é convidativa, mesmo quando está, assim, longe da beleza, pode tornar-se a coisa mais preciosa do mundo? Por que é que se pode amar? Começando a trabalhar sobre a Introdução dos Exercícios impressionou-me quando falavas da Ressurreição no olhar. De facto, aquela fenda que se alargou, silenciosamente, no meu coração quando começava a trabalhar, aquela nostalgia de Jesus, a nostalgia daquelas amigas, é a vitória de Jesus na minha vida. A verdade da realidade é Jesus Ressuscitado. A verdade da loucura das tarefas a desempenhar, da minha colega, do meu doente, é aquele olhar que entrou na minha vida e feriu o meu coração para sempre, a um ponto tal que posso acordar esgotada e, no entanto, volta a faltar-me. Aquilo que define a realidade não é a sua aparência mas o meu olhar habitado por Jesus: e a realidade é o lugar deste Mistério que me convida a encontrá-Lo a cada instante. Naqueles dias de trabalho durante Exercícios da Fraternidade, continuava a vir-me à ideia a tua saudação aos miúdos dos Liceus no fim do Tríduo: os nossos aliados são o coração e a realidade. Eu queria trabalhar toda a vida como aconteceu naquele fim-de-semana e queria viver os Exercícios como aconteceu naqueles dias, apesar de estar no hospital e agora devorando os apontamentos todas as manhãs. Não existe nenhum lamento no meu coração, porque aqui estava tudo aquilo de que o meu coração tem necessidade. Estou grata que o sacrifício de ter ficado aqui, tenha feito re-acontecer o amor a esta estrada e a esta companhia com uma frescura nova que não me sai do olhar.*

Obrigado. Às vezes os outros apercebem-se melhor que nós do que é a novidade que a Ressurreição introduz na vida, como a sua colega que, perante a maneira como tratou a sua doente, diz: «Como é possível? Esperava encontrar-te desfeita ou que, em todo o caso, te tivesses ido embora passados dois minutos». Mas está ali de pé, contente. Destes episódios, quantos vemos, quantos factos deste tipo ouvimos contar mal nos encontramos a conversar num almoço ou num grupo de amigos! Vou ler um que podem ler na *Tracce* (cf. [www.revistapassos.pt](http://www.revistapassos.pt)) e que se refere aos nossos amigos perseguidos. «Um homem de Mossul contou-me», diz o padre Douglas do Iraque, «que quando o ISIS chegou à cidade o seu vizinho muçulmano foi-lhe bater à porta dizendo: “Tens de ir embora e eu vou ficar com a tua. Se não for eu, outro o fará. Se te vir amanhã, mato-te”. O homem prepara-se para partir, faz as malas, põe a família no carro. Mas antes vai à porta do vizinho e bate. “Não te tinha dito que te mataria?”. E o cristão: “Há trinta anos que somos vizinhos, não me queria ir embora sem me despedir”. O muçulmano põe-se a chorar: “Não, fica. Eu protejo-te”. E o outro: “Não, éramos vizinhos, agora já não. Quebrou-se a confiança”» («Apparteniamo solo a Gesù», entrevista de Luca Fiore ao padre Douglas Bazi, *Tracce*, Maio /2015, p. 15). Antes de ir embora

passa para se despedir de quem lhe prometeu a morte, isto é um facto concreto ou um conceito vago? Os *Actos do Apóstolos* estão cheios de episódios destes, a nossa própria história está cheia deles: no modo como estamos juntos, no modo como em tantas ocasiões se enfrenta a doença, no modo como uma pessoa vive quando perde o emprego, no modo como uma pessoa enfrenta o quotidiano, no modo como uma pessoa se levanta de manhã, são tantos, tantos, tantos, factos. Não é que falte esta catadupa de factos, mas porque é que não fazemos a ligação com a Ressurreição? Onde nascem todos estes factos? É como se nos encontrássemos na situação de que falei na Introdução: no dia de Pentecostes os discípulos comportavam-se assim por estarem bêbados? Era essa a razão da sua “novidade”? O que é preciso para podermos reconhecer nos factos, e não apenas como repetição dum conceito, no fundo vazio, a Ressurreição? Isto diz o trabalho que cada um tem de fazer. Não é que não sucedam muitas coisas, mas nós é que muitas vezes as damos por adquiridas, como se fossem óbvias, até que a pessoa é atingida por uma doença, até que fica sem trabalho, até que se descobre na solidão ou a família vai pelos ares, então é que começa – talvez – a dar-se conta de que muitas coisas não eram assim tão óbvias e começa a perceber em que consiste a Ressurreição. Mas, como dizia *don* Giussani (citei isto durante a assembleia), não é tanto uma reflexão teórica que nos vai ajudar, mas se nos começamos a dar conta que é preciso o trabalho de que falámos nos Exercícios. Uma pergunta como aquela sobre a Ressurreição mostra-nos a dimensão do trabalho a fazer. Como vêem, nem a afirmação mais estrondosa da fé cristã, que é a da Ressurreição de Cristo, se impõe simplesmente por si só, e não basta a sua repetição formal para que se torne crucial para a vida. Por isso é que *don* Giussani, que conhecia bem a nossa situação histórica, dizia que já não compreendemos as palavras cristãs, e a Ressurreição é uma das palavras-chave da fé. Já nem a compreendemos nós próprios, que até continuamos a ter uma relação com o facto cristão, imaginem para os outros, por exemplo os chineses. Para um chinês a palavra “ressurreição” é algo que escapa completamente a qualquer verificação. *Don* Giussani afirma: «A fé não pode fazer batota [a fé não pode fazer batota!], não te pode dizer: “É assim”, obtendo o teu assentimento [...] gratuitamente. Não! A fé não pode fazer batota porque está de algum modo ligada à tua experiência: no fundo é como se aquela tivesse de comparecer no tribunal onde tu és juiz através da tua experiência» (L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Milão, Bur, 2010, p. 300). Insisto, não é que não tenhamos ouvido milhões de vezes relatos de testemunhos ou não tenhamos visto nada, mas isso não basta. Se não se faz experiência pessoal, nem o estar juntos basta, porque uma pessoa pode participar numa companhia e dizer que é vago. Se o estar juntos não estimular ainda mais o trabalho que *don* Giussani nos indica, se não for convite constante à verificação, não encontraremos resposta às nossas perguntas. Tem de «comparecer no tribunal onde tu és juiz através da tua experiência», diz Giussani. Mas «tu também não podes fazer batota porque, para a poderes julgar tens de usá-la [não a podes repetir como uma frase vazia. Não, tens de julgar, tens de usá-la], para poderes ver se transforma a vida tens de vivê-la a sério; e não uma fé como tu a interpretas, mas a fé como te foi transmitida, a fé autêntica. Por isso o nosso conceito de fé tem um nexos imediato com a hora do dia, com a prática ordinária da nossa vida [se não virmos aí o que é a Ressurreição, ninguém nos poderá convencer. E dá um exemplo:] [...] Se tu, apaixonando-te por uma rapariga [não podes, a certa altura, ver como] [...] a fé muda essa relação [pensemos na lista de coisas que dizia a primeira carta que propus esta noite: a relação com o marido, o trabalho, os filhos; se tu não vês de que forma a fé muda a vida, tornando-a melhor] [...] se tu nunca conseguiste dizer: “Olha como a fé torna mais humano o meu viver”, se tu nunca conseguiste dizer isto, a fé nunca se tornará convicção e [...] nunca vai gerar nada, porque não tocou o teu eu mais profundo» (*ibid*, p. 300-301). Então, a estas perguntas é preciso responder com a verificação daquilo que nos é proposto. Mas para o poder verificar tenho de abrir-me a esta possibilidade, porque se não me abro à possibilidade de tomar a sério que Cristo tenha ressuscitado, face a uma doença ou face à situação do trabalho ou face à solidão ou face a uma ansiedade que sinto, começo a ver que alguns vivem estes desafios numa certa maneira e eu doutra. Captar esta diferença é um problema de atenção, que eu me dê conta é um problema de ter a bússola, o *detector*, porque senão, como vêem, tudo passa a ser igual. Mas se tudo é igual – prestem atenção à dimensão que isto tem para a vida –, desmorona-

se a razão por que *don* Giussani fez o movimento, que é mostrar a pertinência da fé às exigências da vida. Se esta pertinência não surge aos nossos olhos, que interesse terá a fé para nós? Precisamente por isso é que começamos o trabalho sobre os Exercícios. Outra pergunta que recebi tem também a ver com a Ressurreição: «Como podes dizer que aquilo que documenta a verdade, ou seja, a realidade daquilo que celebrámos na Páscoa é o acontecimento de um povo?» De facto, nos Exercícios, para mostrar que o que celebrámos na Páscoa não é só um rito, não é só uma recordação devota, mas a consistência real de um facto, sublinhei que a documentação mais patente disto é o acontecimento de um povo. «Assim que li esta frase», continua a carta, «eu estremeci, porque se penso na infinita necessidade que tenho, nunca pensaria que um povo pudesse ser a resposta». Não dissemos que o povo é a resposta! Estão a ver como se pode mudar a interpretação? Dissemos que o povo é o sinal do facto de tantos terem encontrado a resposta no Ressuscitado e que não seria possível aquele povo sem a sua Ressurreição «Tomé, aproxima-te, mete a tua mão nas chagas», «Pedro, tu amas-Me?», «Maria Madalena!», «Maria, desperta!». Um a um. Não é que, estando sozinhos e desorientados, se tenham metido de acordo e daí tenha nascido aquele povo como resposta à necessidade que tinham. Não! Aquele povo encontrou a resposta no encontro com Cristo Ressuscitado e agora começa a viver de um determinado modo. Aquele povo que encontra a resposta em Cristo documenta a verdade daquele acontecimento que não podemos compreender a não ser através dos efeitos que produz. Porque não houve ninguém que tivesse sido testemunha da Ressurreição de Cristo no momento em que aconteceu. Os discípulos colocaram-n’O no sepulcro e quando voltaram o sepulcro estava vazio. Nenhum O viu ressuscitar. Por isso, a Ressurreição de Cristo é um acontecimento muito particular, único. Não é a “ressurreição” de Lázaro: uma reanimação do cadáver que permite encontrá-lo no caminho. A Ressurreição de Cristo é um acontecimento único na história: um Homem que estava no sepulcro entrou no mundo definitivo; ressuscitou e vive para sempre, não como Lázaro que volta à vida e tem, no entanto, de voltar a morrer – seria uma pequena consolação: prolongar a vida por um certo período, como consegue fazer agora a medicina, adiando o fim por alguns meses ou anos. A Ressurreição de Cristo é um acontecimento de outra natureza, do qual não temos uma testemunha imediata e direta. Reconhecemo-Lo pelas Suas aparições e pelos sinais que o Ressuscitado deu aos Apóstolos e que eles testemunharam. Porque é que os Apóstolos não nos enganaram inventando a Ressurreição de Jesus? Como a objeção feita nos Evangelhos: não teriam roubado o corpo de Jesus? Tudo o que nasceu depois da Sua crucifixão seria impossível, se Cristo não tivesse ressuscitado. Por isso, para a próxima Escola de Comunidade, retomaremos o primeiro capítulo da segunda parte de *Porquê a Igreja*, no qual Giussani responde a esta questão: como se explica o facto de que a Igreja desde o início se coloque na história como a continuidade de Jesus Cristo, e que relação existe entre a Ressurreição e esta continuidade na história?

A resposta não é o povo porque a única resposta que a fé cristã oferece a cada membro do povo é Cristo Ressuscitado, não é a «companhia utopia», não é a companhia a resposta à necessidade do homem porque todos temos de morrer; a companhia, a Igreja, é o lugar onde se comprova que Cristo ressuscitou, de outro modo não estaríamos aqui. Perceber isto é crucial. E outro de vós escreveu: «“O que é que documenta a verdade, ou seja, a realidade daquilo que celebrámos na Páscoa? Só um facto: o acontecimento de um povo, como o que vimos na praça de S. Pedro” [está a citar os Exercícios]. Não! Não estou de acordo. Dez pessoas ou um milhão não confirmam nem desmentem nada». Estou totalmente de acordo. E com isto a que conclusão chegamos? É um modo de usar a razão sem pés nem cabeça! A questão é que tipo de pessoas são essas que se reúnem em Roma e que coisa documentam. É certo que se não fazemos aquilo que Giussani nos disse tantas vezes, ou seja, um trabalho “sobre o instrumento do pensamento”, sobre o modo como usamos a razão, sobre como estamos diante do real, nem sequer as coisas mais evidentes poderão convencer-nos de alguma coisa. E depois dizemos «não!». Oíçam o que diz *don* Giussani: «A Igreja coloca-se na história antes de mais como relação com Cristo vivo.[...] Uma devota recordação [elencas algumas das possíveis interpretações daquele núcleo de pessoas que se chama “ Igreja”], contudo não teria podido manter unido aquele grupo em condições tão difíceis e hostis, mesmo que estivesse

agarrado ao desejo de difundir o ensinamento do Mestre [como se a Igreja fosse uma espécie de círculo platónico]. Para aqueles homens, o único ensinamento que não podia ser discutido era o Mestre presente, Jesus vivo. E é exactamente isto que eles transmitiram: o testemunho de um homem presente, vivo. [Podemos pensar que estão a brincar connosco ou que dizem a verdade, mas o que é certo é que todos os documentos do Novo Testamento, do primeiro século escritos em grego, são o testemunho de um grupo de pessoas que dizem que um Homem, seu amigo, que tinha sido depositado no sepulcro, agora vive e sabem perfeitamente distinguir o que significa dizer: “Vive Lázaro” e “Vive Jesus ressuscitado”; não se confundem!] O início da Igreja é precisamente este conjunto de discípulos, este grupinho de amigos que depois da morte de Cristo ficam juntos na mesma. Porquê?» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Verbo, Lisboa 2004, pag 81). Para isto cada um de nós tem de encontrar uma resposta. Pensemos no exemplo que dá Giussani no *Sentido Religioso*: se esta noite uma de vocês chega a casa e encontra sobre a cómoda um fantástico ramo de flores tem que dar uma razão para aquela presença. Vai perguntar a alguém que esteja em casa, mas quem é que me trouxe estas flores? Porque é que fazes esta pergunta se só vês as flores. Porque razão estás certo de que há um “quem” se não o vês? Tu podes dar mil interpretações mas até identificares uma explicação adequada para a presença das flores não terás paz. O mesmo acontece coma a ressurreição. Aquelas pessoas começam a viver uma determinada vida, o ramo de flores não é nada em relação à novidade de vida que elas documentam. «Porquê? Porque Cristo ressuscitado se torna presente diante delas” (*ibidem*, pag. 81). Esta interpretação não agrada a alguém porque é cristã? A ‘pergunta mantém-se no entanto,. É como quem perguntasse: “mas quem é que pôs ali aquelas flores?”, e lhe fosse respondido: “Porque é que perguntas isso? Estão ali, porque estão ali”: não a considerarias como resposta adequada à pergunta. Não basta uma resposta qualquer. Se tu não estás de acordo de que Cristo ressuscitado se torna presente no meio deles a pergunta permanece tal e qual agora como há dois mil anos. Porque aqueles que vivem em Cristo e reconhecem Cristo ressuscitado vivem uma determinada vida e estão juntos de uma determinada maneira. Porquê? Giussani continua; “Cristo permanece na história [...] com o rosto histórico e vivo da comunidade cristã, da Igreja. Com a sua existência e o seu testemunho, aqueles primeiros discípulos, aquele grupinho de amigos, transmitem-nos que Deus não desceu à terra num instante [...] [mas que] veio [...] para permanecer no mundo». (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, obra citada, pag 82). Muitos escreveram sobre aquilo que lhes aconteceu nos Exercícios: não sabem explicar o porquê, mas voltaram a casa diferentes, retomaram, a vida de uma maneira diferente e podem encarar as circunstâncias da vida de uma maneira diferente. Isto, a presença na história de pessoas mudadas e do povo a que pertencem, esta realidade não do passado mas do presente será o que desafiará constantemente a razão e a liberdade de quem quer que a encontre. Se uma pessoa encontra pessoas para quem a ressurreição de Cristo é um facto voltará a fazer-se a pergunta tal como ela foi feita no início dos *Actos dos Apóstolos*, hoje como há dois mil anos, como vimos no vídeo da *Estrada bela*. Portanto, para poder perceber isto o que é que é preciso?

*Tenho necessidade de te contar, e agradecer, o que trouxe para casa dos Exercícios da Fraternidade. Ainda que tendo bem presente a exortação do nosso responsável, que sublinhava como devíamos pedir tudo a este gesto, dava por mim desde há semanas a experimentar aquela posição que já sublinhaste algumas vezes: não perceberemos nada se não estivermos numa tensão para perceber. Sem esta tensão, cheguei ao gesto, ainda que no abraço alegre e amigável da minha companhia, no fundo no fundo, aceitando a ideia que, no final de contas, até poderia levar para casa qualquer coisa de bom, mas certamente nada de definitivo. Agora ouve o que é que me aconteceu. Faço a premissa que, já com 54 anos, com uma vida no movimento (fiz o Clu em Pisa), casado e com um filho, trago também comigo todas as feridas feitas ao longo de uma vida, mas há uma, uma que me persegue e que, nem por nada, volta a acontecer precisamente naquele sábado à noite, deixando-me num estado de profunda prostração, desmoralizado, não tanto pela minha incoerência, mas mais pela desproporção abissal, intransponível, entre o caminho de conversão a que sou chamado e o estado das coisas. Tanto assim que, na manhã seguinte, sendo tão evidente a*

*ferida, pelo menos duas pessoas vieram ter comigo ao pequeno-almoço, para me perguntar se estava bem, ao que eu respondia balbuciando um sim, mas sem coragem para as olhar nos olhos. Praticamente ouvi a assembleia de Domingo de manhã com a mesma atenção que uma ameba. Na viagem de regresso a casa, adormecido como na canção do Guccini. Ainda que contando em casa a beleza do gesto, a minha mulher, que me conhece, percebe logo que nem tudo correu pelo melhor, mas (precisamente porque me conhece) julga tout court que é das minhas “manias” e, incomodada, deixa andar. Na segunda-feira de manhã, com isto a pesar-me, entro no escritório e não posso não ajuizar pragmaticamente tudo isto. Num prato da balança, está a sugestão do meu mal, ainda que deformada, se quiseres. E no outro? O que é que ponho no outro prato? A sugestão de um belo gesto, talvez agigantada? Mas então, a minha estrutura humana, o olhar que tenho sobre mim, é a soma algébrica de duas sugestões? Mas a Sua presença, a Sua presença viva e experimentável é uma outra coisa. É uma outra coisa. E é disto que eu tenho necessidade. Então, não sei como explicar (como agora), a comoção assaltou-me até às lágrimas dando-me uma gratidão imensa pela nossa história, pela verdade daquela dinâmica, retomada pelo Santo Padre, pelo qual o Mistério chega a agarrar-me exactamente onde eu não achava possível, e do Gius, que, nos Exercícios da Fraternidade de 2013, exprime o facto de que «O Senhor permite os nossos erros e os nossos pecados como um modo estranho, mas o mais dramaticamente produtivo, o mais pedagogicamente eficaz, para aprofundar o sentido da nossa relação com Ele. Somos tão tenazes no amor próprio que, sem a experiência do nosso limite, não diríamos com autenticidade: “Deus, tu és tudo” e “eu sou nada”» (L. Giussani, em J. Carrón, «Quem nos separará do amor de Cristo?», suplemento da revista Passos, Maio de 2013, pág. 53). É como se à beleza e à solenidade do gesto tivesse faltado a minha carne, até àquele momento de juízo. E então vivi todo o dia atento, em tensão e contente pelas pessoas que tinha à minha volta. A primeira consequência foi que, quando voltei a casa, não pude deixar de lhe responde a ela, que me perguntava: como é que estás? «Muito bem», olhando-a nos olhos e amando-a ainda mais. Isto e pouco mais foi o bastante para a convencer a inscrever-se nos Exercícios dos trabalhadores. Ora, esta dinâmica não é minha, não é farinha do meu saco. Posso só aprende-la, pedi-la. E este é o único, o único lugar que encontrei que a torna possível, em que o meu tecido humano é regenerado, quando se deixa abraçar pela presença d’Aquele que faz todas as coisas. Um lugar assim tem de ser sustentado. Não vejo outros motivos plausíveis para saldar aquele fundo comum que, até ontem, estava vazio como um poço sem fundo. Já tomei medidas em relação a isto. Peço perdão, mas só agora me está mais claro o nível a que se joga a questão.*

Podemos participar num gesto, e como disseste tu, não estar. Aquilo que faltava à beleza do gesto era a tua carne. Quando a carne começa a estar, uma pessoa começa a dar-se conta. E quando uma pessoa O deixa entrar, quando se deixa abraçar pela presença de Quem faz todas as coisas, como dizia don Giussani, quem aceita isto, não deverá aderir sem motivos, ou seja sem razões, à fé, mas poderá fazê-lo vendo o que acontece na vida e assim poderá decidir se é razoável ou não reconhecê-Lo, e aderir. Por isso don Giussani nunca nos prometeu que seria automático, como também não fez Cristo, porque não seria digno do homem. É só uma presença que pede para ser acolhida por aquela simplicidade de uma criança de que fala don Giussani a propósito da Ressureição; é «a inteligência da criança» que deve ser recuperada para poder ver as coisas de uma forma verdadeira. <<Chama-se “fé”» (J. Carrón, Um presença no olhar, op. Cit., p. 12).

*Numa escola de comunidade passada, sobre o encontro em Roma, usaste a expressão: Roma locuta, causa finita est (Roma falou, o caso está resolvido), isto é Roma falou, não há que olhar à volta ou discutir. Esta expressão, este juízo, entrou em mim com violência e começou a fazer-me pensar seja por se estar a falar de Roma, seja pelas coisas que gradualmente me foram acontecendo, e começou a ser para mim um modo de ver as coisas, mesmo como uma hipótese. A coisa que mais me marcou foi como..... desde que entrou esta hipótese houve o poder de incidência.*

Atenção! Mal aceitaste deixar entrar esta hipótese..... Giussani propôs-nos a fé como uma hipótese. Aquilo que é uma certeza sua, uma certeza da totalidade da Igreja, até ao ponto de se chamar “dogma”, ele propô-la como hipótese de trabalho à nossa verificação, para que a verdade se torne obvia à frente nos nossos olhos. Se não usarmos esta hipótese, é impossível que se torne obvia, isto é que a hipótese encontre uma confirmação na verificação.

*De facto em mim encontrou uma confirmação, porque desde que entrou teve, como dizia, um poder de incidência fortíssimo. Dou um exemplo como me apercebi disto, como me apercebi que este Roma locuta teve poder de incidência. Porque eu dei-me conta que a queda sobre a qual trabalhamos começa... reparo nesta queda quando me dou conta de ter deformado a realidade que tenho diante de mim. Por exemplo acontece-me com as pessoas quando me do conta de que deforme o outro com aquilo que eu quero ver dele ou como deve acontecer a relação com ele, mas ao invés quando estou em frente às coisas com a posição Roma locuta, isto é por aquilo que eu sou, acontece-me aquela aliança da realidade. É como se se abrisse uma possibilidade de empenho e descoberta totalmente novas. Existem vários dados que tenho como guardados, introduzidos por este olhar de Roma locuta. Digo só os dois principais. O primeiro é que este olhar abre em mim uma fissura de consciência imparável como uma percepção nova de mim, também como possibilidade de me conhece. Porque, por exemplo, aconteceu-me numa circunstância em que fiquei numa posição exposta, segundo uma modalidade para mim insuportável, mas onde porém o estar perante isso com esta posição me fez recordar de quem sou e então pude conhecer-me. O segundo dado que registo é que quando me vejo nesta posição, quando tenho este juízo, cria-se como um fio condutor entre as várias coisas e reparo: na realidade, nos objectos que estão à minha volta, das sugestões das palavras de quem está a falar. É como se as coisas não fossem acessórios mas tomassem vida e como se se colocassem num horizonte unitário. Digamos que estes dados, no tribunal da minha experiência que dizias antes, convencem-me.*

Porquê?

*Potentemente porque nenhum outro modo de olhar tem este poder, nenhuma outra interpretação tem este poder.*

Nós podemos assumir como hipótese de trabalho a afirmação da Ressurreição ou a intervenção do Papa em Roma (e depois de ter falado eram inúteis as discussões), e isto fará emergir a verdade na experiência diante dos nossos olhos, ou podemos usá-la como nos dá na real gana. Mas então nunca faremos a verificação do que nos é dito, mas só a verificação dos nossos pensamentos. E o resultado será aquele que tantas vezes vemos! O início do trabalho já nos levou a identificar qual é a modalidade da verificação. Por isso, se não estamos inteiramente em tensão para ver em quais situações, em que factos se documenta diante dos nossos olhos, na minha experiência ou na de outros que Cristo ressuscitou, e o que é que me fez dar conta disso, mesmo que tenhamos falado da Ressurreição, não sobrá nada. A fé na Ressurreição não cresce repetindo o discurso sobre ela; a fé cresce, como cresceu a fé dos discípulos, vendo os sinais, vendo os dados, pelo que despoletava e despoleta uma pergunta que não podiam e não podemos não fazer: «Mas quem é Este?». Isto fazia-os abrir ao reconhecimento que não era qualquer resposta que estava em condições de dar explicação adequada daquele facto. Ontem como hoje. Isto pede da nossa parte todo o espaço de uma verificação na experiência. E nenhuma repetição formal, como vemos, nem sequer a da Ressurreição, pode chegar porque pode tornar-se algo de vago.

Concluo com uma carta que introduz o folheto que preparámos para as eleições locais *Recomeçar de baixo. Empenhar-se para o bem comum*. Alguns já começaram a usá-lo; escreveu-nos um nosso amigo que teve uma responsabilidade na política. Esta carta pode ajudar no trabalho que nos espera: «Permito-me escrever-te porque sinto a necessidade de te agradecer pelo folheto sobre as eleições locais que o movimento difundiu. Depois da amargura com que vivi o desenlace da experiência vivida como administrador da Região da Lombardia, que não obstante os limites e os erros continuo a considerar a tentativa mais concreta feita no nosso país de gerir uma realidade institucional complexa a partir do princípio da subsidiariedade não só teoricamente afirmado mas concretamente

delineado, este apelo ao valor da boa política fez-me reviver as razões profundas do início do meu compromisso como administrador local há quarenta anos nas eleições locais de 1975. O meu sim de então à proposta que me fez o movimento, em resposta a uma clara solicitação dos bispos, representou uma evolução natural, num âmbito diferente, do que durante anos tinha vivido na experiência da caritativa: a vida tem sentido como partilha das necessidades de quem o Senhor te faz encontrar. Depois de tantos anos de vida política (agora já não tenho cargos políticos, mas continuo a trabalhar no âmbito das instituições públicas) posso testemunhar com certeza que a política ou é forma da caridade ou se torna num cancro que consome a tua humanidade. Espero que também este juízo que trouxeste à nossa reflexão contribua para fazer nascer uma nova geração de pessoas dispostas a jogar a própria vida ao serviço do povo no âmbito da política e das instituições públicas. Seria gravíssimo que por um purismo erradamente entendido deixássemos tais âmbitos a quem, com menor ou maior capacidade de dissimulação ou mistificação, procura no fundo só o próprio poder e o próprio benefício. Cordialmente». Como viram, o texto do Papa Francisco contido no folheto é deveras um convite a este compromisso. Tantas vezes perguntamo-nos o que podemos fazer: aproveitando as eleições locais, podemos começar a jogar uma possibilidade de diálogo com qualquer um.

A próxima Escola de Comunidade será a 17 de Junho, às 21h30m. Retomaremos a Introdução dos Exercícios em conjunto com o início da segunda parte do livro «Porquê a Igreja», capítulo intitulado «A continuidade de Jesus Cristo: raiz da consciência que a Igreja tem de si (pág. 79-87), que contém a resposta à pergunta que hoje emergiu.

Vigília de Pentecostes. Como sabem, o movimento aderiu à proposta da CEI (Conferência Episcopal Italiana) para participar na vigília de Pentecostes, sábado 23 de Maio, rezando pelos nossos mártires de hoje e pelos cristãos perseguidos. É possível seguir as notícias e os testemunhos através das redes sociais, usando o hashtag #free2pray, útil quer para ter as notícias, quer para a própria vigília e para os encontros que se estão a organizar, quer para dar a conhecer as iniciativas e os testemunhos de fé viva que provêm das zonas mais feridas da terra. No interior da Tracce de Maio há um destacável (do já qual li um testemunho) dedicado aos cristãos perseguidos, testemunhos e contributos que nos ajudam a perceber a preocupação a que o Papa continuamente nos convoca. Por este motivo, propomos a todos uma difusão extraordinária da revista no próximo fim-de-semana.

A propósito da vigília, cada um deve informar-se de quais são as propostas que a Igreja faz na sua própria diocese ou faça-se promotor desta iniciativa se não estiver nada previsto.

Voltar a partir de baixo. Implicar-se no bem comum. Ainda que as eleições sejam só em algumas regiões, o folheto do CL é um instrumento para um diálogo sobre questões que consideramos decisivas para todos, não apenas para quem vai votar. Com o documento que preparámos, com o título «Voltar a partir de baixo», queremos oferecer um instrumento para um diálogo como ajuda a retomar o ideal do bem comum, que tantas vezes vemos ser convocado e desejado por tantas pessoas. O documento está disponível no sítio do CL. Propomo-vos dá-lo conhecer aos amigos e conhecidos nos vários âmbitos da vida e utilizá-lo para eventuais encontros públicos.

Férias. No que se refere às férias da comunidade não as demos como adquiridas, como se fosse um ritual que cada ano se repete. Perguntemo-nos: porque fazemos as férias? Que coisa queremos comunicar? Que coisa queremos viver juntos? Aproveitemos este momento para comunicar qualquer coisa da beleza e da letícia que encontrámos, para que as pessoas possam perceber o que quer dizer a Ressurreição. A um amigo que vem connosco pela primeira vez, que coisa nos agradaria fazer-lhe ver? De que coisa desejaríamos que fizesse experiência? Então os passeios, um momento de testemunho, a apresentação de um livro, um diálogo sobre qualquer coisa que

interessa, a Missa, as Laudes, o *Angelus*, tornam-se uma ocasião em que cada um pode ver o que são as férias, usando todo o tempo como paradigma da vida; as férias como uma modalidade de estar no real com a consciência, com o olhar sobre o real que nasce da fé.

*Veni Sancte Spiritus*